

EDUCAÇÃO E ÉTICA: O VALOR DA PRESENCIALIDADE E DA ALTERIDADE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFESSOR¹

EDUCACIÓN Y ÉTICA: EL VALOR DE LA PRESENCIA Y LA ALTERIDAD EN LA FORMACIÓN Y PRÁCTICA DEL PROFESOR

EDUCATION AND ETHICS: THE VALUE OF PRESENCE AND ALTERITY IN THE TEACHER'S TRAINING AND PRACTICE

Sandra Regina Mantovani LEITE²
Rodolfo Gabriel TRISLTZ³
Alonso Bezerra de CARVALHO⁴

RESUMO: Este estudo tem como intuito compreender e aprofundar a reflexão sobre a dimensão ética na formação e atuação do professor, ressaltando a importância dessa para o desenvolvimento de uma práxis pedagógica em favor de relações dialógicas. Diante de um contexto pedagógico marcado pelas concepções presentes na contemporaneidade que se pautam pela condição de que os alunos não são vistos como sujeitos de sua própria história e pelo desenvolvimento científico que privilegia o fazer em detrimento do pensar, elencamos como questões principais: quais as ações poderiam auxiliar para que o professor repense sua prática pedagógica, trabalhando para que a formação humana se torne o aspecto essencial? Por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, fundamentando-se em autores como Severino, A. J. (2011, 2010), Saviani (2015, 2016), Goergen (2011), Carvalho (2013, 2015, 2016) entre outros, buscaremos afirmar a importância da alteridade e da presencialidade na relação entre os professores e alunos para uma educação humanizadora e emancipadora. Consideramos que toda ação pedagógica, desde sua origem e finalidades, objetivos e metas, possui estreita relação com a Dimensão Ética, e por isso são processos éticos que ao se realizarem na instituição escolar tem o compromisso de elevar o educando de sua condição de indivíduo em busca da sua humanização e emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Ética. Formação de professores. Humanização.

¹ Este texto, agora ampliado e reorganizado, foi publicado nos Anais do II Congresso Nacional de Formação de Professores e XII Congresso Estadual Paulista da Formação de Educadores.

² Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Docente do Departamento de Educação. Doutorado em Educação (UEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4908-8379>. E-mail: sleite@uel.br

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Aluno Especial no Programa de Pós-Graduação em Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7335-0146>. E-mail: rodolfotrisltz@gmail.com

⁴ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis – SP – Brasil. Professor Adjunto - Livre Docente (Departamento de Didática). Professor Livre Docente no Departamento de Educação (UNESP/Assis) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNESP/Marília). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5106-2517>. E-mail: alonso.carvalho@unesp.br

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo comprender y profundizar la reflexión sobre la dimensión ética en la formación y desempeño docente, enfatizando su importancia para el desarrollo de una praxis pedagógica a favor de las relaciones dialógicas. Ante un contexto pedagógico marcado por las concepciones presentes en la contemporaneidad que se guían por la condición de que los estudiantes no sean vistos como sujetos de su propia historia y por el desarrollo científico que privilegia el hacer sobre el pensar, enumeramos como preguntas principales: Cuáles las acciones podrían ayudar a los docentes a repensar su práctica pedagógica, trabajando para que la educación humana se convierta en el aspecto esencial? Mediante una investigación bibliográfica cualitativa, basada en autores como Severino, A. J. (2011, 2010), Saviani (2015, 2016), Goergen (2011), Carvalho (2013, 2015, 2016), entre otros, buscaremos afirmar la importancia de la alteridad y presencia en la relación entre profesores y estudiantes para una educación humanizadora y emancipadora. Consideramos que toda acción pedagógica, desde su origen y propósitos, objetivos y metas, tiene una estrecha relación con la Dimensión Ética y, por tanto, son procesos éticos que, cuando se llevan a cabo en la institución escolar, se comprometen a elevar al alumno de su condición de individuo en busca de su humanización y emancipación.

PALABRAS CLAVE: Educación. Ética. Formación de profesores. Humanización.

ABSTRACT: This study aims to understand and deepen the reflection on the ethical dimension in teacher education and performance, emphasizing its importance for the development of a pedagogical praxis in favor of dialogical relationships. Faced with a pedagogical context marked by the conceptions present in contemporaneity that are guided by the condition that students are not seen as subjects of their own history and by the scientific development that privileges doing over thinking, we listed as main questions: what are the actions Could they help teachers to rethink their pedagogical practice, working so that human education becomes the essential aspect? Through a qualitative bibliographic research, based on authors such as Severino, A. J. (2011, 2010), Saviani (2015, 2016), Goergen (2011), Carvalho (2013, 2015, 2016), among others, we will seek to affirm the importance of alterity and presence in the relationship between teachers and students for a humanizing and emancipating education. We consider that every pedagogical action, from its origin and purposes, objectives and goals, has a close relationship with the Ethical Dimension and, therefore, they are ethical processes that, when carried out in the school institution, are committed to elevating the student from his condition as an individual in search of its humanization and emancipation.

KEYWORDS: Education. Ethic. Teacher training. Humanization

Introdução

Apenas estamos iniciando a reflexão sobre a importância da categoria da presencialidade como fundante de uma nova sociedade, orientada em categorias como alteridade, multiculturalidade, tolerância, diálogo. (GOERGEN, 2011, p. 10)

Ao partirmos da realidade da escola, podemos observar relações e conflitos entre o discurso trabalhado na formação do futuro professor e a prática pedagógica dos professores que atuam nas escolas. De um modo geral, essa discussão têm sido uma constante no campo

educacional, tendo em vista as relações que envolvem a função social da instituição escolar. Considerando, seguindo Saviani (2015), que a educação, “pertencendo ao âmbito do trabalho não- material, tem a ver com conhecimentos, ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades, tais elementos, entretanto, não lhe interessam em si mesmos, como algo exterior ao homem” (p. 287). Ou seja, é um processo de construção, uma elaboração própria do ser humano, e que é entendida a partir de um processo social, histórico e político amplo, assim, entendemos a escola como espaço dominante para que essa educação aconteça.

Atualmente, se percebe um grande descontentamento com o ensino oferecido pela escola pública, isto aparece tanto nas falas, nas ideias e vivências no âmbito dos estabelecimentos de ensino, como nas produções acadêmicas e nos discursos sobre as políticas públicas educacionais. Esta crise da educação pública, que faz parte de um projeto perverso de exclusão e porque não dizer de dominação social, tem sido marcada porque, como país em desenvolvimento, o Brasil não alcançou os patamares mínimos de uma justiça social compatível com a riqueza produzida e usufruída por uma minoria.

Existe uma diferença marcante no grau de usufruto da cultura produzida pelos homens. A instituição escolar é um instrumento importante de participação e disseminação cultural, o trabalho educativo que acontece por meio da escola precisa possibilitar aos que a frequentam a oportunidade de formarem-se, tornando-se homens e que tenham diante de si formas para realizar sua própria individualidade de maneira produtiva para eles e para coletividade.

A educação só se compreende e se legitima quando concebida e praticada como uma das formas de mediação das mediações existenciais da vida humana, quando for efetivo investimento em busca das condições do trabalho, da sociabilidade e da cultura simbólica. Portanto, só se legitima como mediação para a construção da cidadania. Por isso, enquanto investe, do lado do sujeito pessoal, na construção dessa condição de cidadania, do lado dos sujeitos sociais, estará investindo na construção da democracia, que é a qualidade da sociedade que assegura a todos os seus integrantes a efetivação coletiva dessas mediações (SEVERINO, 2010, p. 158).

Diante de um contexto pedagógico marcado pelas concepções presentes na contemporaneidade que se pautam pela condição de que os alunos não são vistos como sujeitos de sua própria história e pelo desenvolvimento científico que privilegia o fazer em detrimento do pensar, podemos buscar responder por meio das reflexões aqui apresentadas as seguintes questões: quais as ações poderiam auxiliar para que o professor repense sua prática pedagógica, trabalhando para que a formação humana se torne o aspecto essencial? Como o professor, entendendo a importância do seu papel como mestre, numa visão aristotélica, trabalha e vivencia a dimensão ética na relação e no trabalho com seus alunos?

Seguindo com as questões que norteiam este artigo, há que se ressaltar que a instituição escolar precisa levar em consideração o relacionamento entre as pessoas, que são estabelecidas no cotidiano da sala de aula, assim, como se estabelecem as relações de amizade entre professor-aluno e entre aluno-aluno?

Este estudo, portanto, tem como intuito compreender e aprofundar a reflexão sobre a dimensão ética na formação e atuação do professor, ressaltando a importância dessa dimensão no desenvolvimento de uma práxis pedagógica em favor de relações dialógicas

Daí a magia da ação educativa quando assumimos a confluência proposta por Aristóteles dessa imitação/representação do bom, do belo e do bem – tríade necessária para pensar a formação da virtude ao educar. Trata-se de bons hábitos; no justo meio; pela prudência do discernimento; alicerçados pela equidade das práticas; e criações de rotinas e de rituais coletivos, públicos e dirigidos ao bem comum; e, portanto, à felicidade – como se fosse por amizade [...] (BOTO, 2002, p.11)

Portanto, é na ação do professor e nas suas interações com os alunos que as atitudes potencializam um projeto de desenvolvimento de personalidades em busca da humanização e que se revelam em propostas pedagógicas baseadas em valores e saberes que visam proporcionar a emancipação humana e não sua dominação. Assim, podemos afirmar que os saberes historicamente produzidos, do ponto de vista da educação, não interessam por si mesmos, mas enquanto condições que por meio de “cada indivíduo singular sintetiza, em si próprio, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.” (SAVIANI, 2016, p. 70)

A instituição escolar e as relações que envolvem o processo educativo

É no processo educativo, nos cursos de formação de professores, que vislumbramos como necessárias as dimensões: epistemológica, ética, política, estética, psicológica, embora na prática deste profissional percebemos que a cobrança por um ensino de qualidade acaba por valorizar apenas a dimensão epistemológica. Existe assim uma hipertrofia desta em relação às outras, fazendo com que o processo de formação da pessoa não alcance o desenvolvimento integral tão esperado pela escola, pela sociedade e pelo próprio sujeito que, em vários momentos, se sente incapaz e submisso ao que se impõe como sendo verdadeiro, sem questionamentos e reflexões.

Ao analisar a importância da formação dos educadores, é necessário inferir que o fazer-se professor vai além de instrumentos e conhecimentos desligados do ser, a “ideia de formação

é, pois, aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir” (SEVERINO, A. J., 2011, p. 132). Ao pensar o professor, qualificamos o seu modo de ser com uma qualidade possível de emancipação, uma condição de plena autonomia do sujeito. Em outras palavras, a formação do professor precisa valorizar uma educação vista como investimento formativo do humano. “A interação docente é mediação universal e insubstituível dessa formação, tendo-se em vista a condição de educabilidade do homem” (SEVERINO, A. J., 2011, p. 132).

Nesse sentido que a educação, segundo Massi e Giacóia Junior (1998), é entendida como um processo essencialmente humano. É o esforço histórico de autoconstituição da humanidade, a educação é a obra da práxis humana, somente pela educação é que o homem se torna homem. É importante ressaltar que “a educação envolve uma finalidade que implica uma necessária referência axiológica, uma relação ao mundo dos valores... Esta referência constitui a dimensão ética do processo educativo.” (MASSI; GIACÓIA Jr, 1998, p. 353). Nesse sentido, é preciso que a humanidade sempre busque caminhar um passo adiante, se tornando melhor, em direção a uma perfeição, a um ideal. É preciso lutar por uma sociedade na qual todos os indivíduos possam se desenvolver por meio de uma vida plena de conteúdo e atividades plenas de sentido (DUARTE, 2013, p. 71)

Para entendermos melhor a importância da dimensão ética na prática educativa utilizamos Chauí (1994, p.340), que esclarece que o termo ética advém do sentido grego ‘*éthos*’ – caráter, índole natural, temperamento. “A ação ética ancora-se, pois, na intencionalidade da ação, na relação da consciência para consigo mesma, na integridade do ser humano frente aos seus semelhantes”. O sujeito moral é aquele capaz de decidir, de escolher, capaz de distinguir entre o bem e o mal, sendo que a inter-relação entre o tema ética e a matéria educativa está justamente entre a autonomia da vontade e a possível formação pedagógica que habilita o professor. “Do ponto de vista ético, a ação humana precisa orientar-se por um conjunto de valores, qualificado de virtudes, as quais descrevem, possibilitam e realizam a finalidade humana” (RAMOS, 2011, p. 29).

Relacionando a ética e a educação pode-se ressaltar que é necessário que a instituição busque um educar para o viver bem, proporcionando vivências prazerosas e contextualizadas, que são também necessárias na aquisição dos conhecimentos básicos.

A educação deve promover uma formação do espírito que desestabilize a apatia da razão de tal forma que o aluno possa aventurar-se por si mesmo sem cristalizações ou idéias fixas. E mais: que crie a aversão à violência física, social, econômica, política etc. Que sejamos capazes de reconhecer o outro, não para dominá-lo e fazê-lo servo, mas que a amizade (*philia*) pelo saber

(*sophos*) seja símbolo de amor pelos homens, ou melhor, pelos humanos e seu habitat (CARVALHO, 2016, p. 13, grifo do autor).

O ser humano precisa ser visto como pessoa, como sujeito moral. “Pessoa é sujeito moral, investido de um valor absoluto [...] Esse valor é o que impede que uma pessoa possa ser tratada apenas como meio ou instrumento [...]” (MASSI; GIACÓIA Jr, 1998, p.356).

Para Aristóteles (1987), a virtude seria uma disposição de espírito que desabrocha pela força do hábito, nesse sentido, percebe-se a dimensão pedagógica da ética, pois remeter-se ao hábito requer valorizar a formação. Pelos atos que praticamos com os outros homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos na presença do perigo e pelo hábito do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes. O mesmo se pode dizer dos apetites das emoções e da ira: uns se tornam temperantes e calmos, outros intemperantes e irascíveis, portando de um modo ou de outro em igualdade de circunstâncias. Numa palavra: as diferenças de caráter nascem de atividades semelhantes. É preciso, pois, atentar para a qualidade dos atos que praticamos. (ARISTÓTELES, 1987, p. 27-28).

A palavra grega *philia* apresenta um sentido mais amplo do que temos na modernidade com o coleguismo. Integra-se a qualquer relação de sociabilidade entre seres humanos que tem afeição uns pelos outros e são conscientes desse sentimento. Ela inclui todas as formas de atração que um ser humano pode ter em relação ao outro, como exemplo o amor dos pais pelos filhos, do marido pela esposa, do amigo em relação ao semelhante, se resume em querer para o alguém aquilo que é bom para o outro, sendo feitas por causa desse outro (RAMOS, 2011).

É na relação social, na relação com os outros, que a ética se desenvolve, não se forma o ser ético apenas pelo conhecimento. A ética fala ao espírito e à alma, só pode ser reconhecida quando praticada, então para se tornar bom, é preciso praticar atos bons. Todo agir coletivo revela-se propício cenário para a prática da ética cotidiana, e assim, percebe-se a relevância apontada por Aristóteles para a Amizade. “Amizade como escolha do outro, como reconhecimento do outro no outro e como encontro de si mesmo nesse reconhecimento do outro. Amizade como partilha e como projeto” (BOTO 2001, p.128).

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não acidentalmente (ARISTÓTELES, 1987, p. 381). A amizade ganha em Aristóteles um estatuto bastante elevado para a produção de escolhas acertadas, o seu exercício estrutura o próprio ideal de autonomia. Como diria Ramos: “a

amizade é, pois, uma condição essencial para a realização da felicidade. Sem ela o homem carece de algo que é necessário para a sua realização na convivência humana” (2011, p.43).

Segundo Ramos, o caráter de reciprocidade entre iguais torna a amizade uma virtude ética-política que vincula relações de solidariedade no âmbito da comunidade. Nesse sentido, entendendo a importância da educação escolar na vida das pessoas, principalmente na vida das novas gerações, ressaltamos o quanto a dimensão ética e a valorização do sentimento de amizade na prática pedagógica poderá possibilitar o desenvolvimento integral do ser humano e das relações sociais que fazem parte do processo educativo.

O valor da presencialidade e da alteridade na práxis educativa em favor da emancipação humana

Ao analisarmos o contexto que estamos vivenciando, as situações de crise, sofrimento, luto e desespero, percebemos o quanto é importante a Presença do outro e o relacionamento humano para que possamos estar de forma saudável fisicamente, psicologicamente e espiritualmente. Em tempos em que o distanciamento social é imperativo para que possamos salvar vidas, a educação tecnológica, por meio do ensino remoto, das aulas online ou da educação à distância surge como a única alternativa para que o ensino formal aconteça. Com isso, a relação humana, a mediação da aprendizagem realizada pelo professor, o contato entre professor e aluno e entre os alunos acontece de forma deficitária, ou melhor, de maneira inexistente.

O contato do humano com o humano não pode ser rompido pela intermediação da máquina, sobretudo não no processo formativo. Não se trata aqui de negar a importância e as vantagens da educação à distância, mas de alertar sobre a importância formativa da presença. A presença ou presencialidade, como alguns preferem, enquanto categoria ontológica do ser humano, deve ser considerada elemento estruturante da formação humana (GOERGEN, 2011, p. 10)

A instituição escolar é um instrumento importante de participação e disseminação cultural. O trabalho educativo que acontece por meio da escola precisa possibilitar aos que a frequentam a oportunidade de formarem-se, tornando-se homens, e que tenham diante de si formas para realizar sua própria individualidade de maneira produtiva para eles e para a coletividade. “Precisamos, portanto, do conhecimento, para formar em nós mesmos essa concepção de mundo mais ampla. É por isso que o professor que está na sala de aula, desde a educação infantil até o ensino superior, precisa de teoria” (DUARTE, 2014, p. 70)

Citando Carvalho (2010), para que o mundo e a vida não deixem de ser apenas uma possibilidade abstrata, é necessário que enfrentemos o mundo burocrático, que estabelece um cenário racional, essa deve ser a responsabilidade da ação educativa. Sendo assim, quando pensamos na qualidade do que é produzido na Instituição Escolar precisamos pensar em um ensino formal que leve o ser humano a construir sua humanidade, democratizando cada vez mais o saber. “A escola é o local onde o indivíduo estaria se instrumentalizando para atuar no meio social a que pertence” (OLIVEIRA, 1985, p. 92).

É sabido que atualmente a proletarização do trabalho docente na contemporaneidade, resultado do desenvolvimento tecnológico e científico, tem possibilitado uma educação e o desenvolvimento dos alunos de maneira desvinculada dos fatores importantes à integralidade do humano, como: o aspecto físico, emocional, afetivo, intelectual, dentre outros, sem os quais a emancipação humana não acontece.

Nesse sentido, a função do professor se resume ao “explicador” de saberes. A atividade docente transformou-se em mera técnica ou aplicação de conhecimentos produzidos pelas ciências da educação, atendendo à necessidade social de aumento da eficiência, à demanda da qualificação profissional e aos padrões de consumo. Mera atividade repetidora, incapaz de traduzir-se em experiências narráveis, o professor prioriza a dimensão epistemológica em detrimento das demais dimensões da prática pedagógica.

Em tal instrumentalismo da razão, sequer a prática do pensar que incide sobre os modos de existência do educador e a sua subjetividade é considerada necessária. Ao ser minimizada nessa atividade e nos saberes e práticas com os quais esse sujeito opera, é incorporada como uma espécie de mecanismo que, mesmo para o educador, parece destituído de sentido. Por sua vez, os destinatários dessa atividade também parecem ser privados dessa prática do pensar e das interpelações sobre os sentidos de sua existência que, no limite, somente são exercitados no tempo e no espaço fora do domínio institucional da escola: ao menos, quando aí também não estão subordinados a outros mecanismos sociais, que ampliam ao extremo essa interdição do pensar e do problematizar a existência (PAGNI; GELAMO, 2007, p. 23).

Assim, pode-se afirmar que o fator propulsor da atividade pedagógica é o pensamento reflexivo e criativo, mas o professor envolvido pelo deslumbramento tecnológico se deixa levar pela degeneração do pensamento reflexivo, ameaçando o conteúdo ético do processo formativo. O fazer pedagógico e a própria formação docente se esvazia da possibilidade de experimentar novas formas de desenvolvimento intelectual para ele e conseqüentemente para o aluno, de ver o outro como participante da relação humana que ocorre na ação pedagógica e privilegia em contrapartida um saber técnico, que prioriza a razão, em detrimento do saber filosófico e criativo do pensamento, da reflexão crítica sobre a educação voltada para emancipação humana.

A formação vai dissolvendo-se como experiência formativa silenciada e esvaziada de conteúdos que se esgotam na própria relação formal com o conhecimento, impedindo que forneçam ao professor e aos educandos formas para refletir sobre os problemas que enfrentam e para encontrar meios de solucionar os mesmos.

Faz-se necessário que a formação docente privilegie a coragem de enfrentar as situações adversas que a própria prática introduz, privilegiando um ensino que potencialize as várias dimensões da práxis docente. Nesse sentido, o ambiente escolar, espaço essencial em que se objetiva a apropriação do saber elaborado, intencional tanto para os professores como para os, alunos é desprovido de importância, sobretudo no relacionamento entre o ser professor e o ser aluno, não garantindo a compreensão para os envolvidos de se entenderem como pessoas que se conduzem diante de seus semelhantes.

A falta de valorização do outro, do reconhecimento do outro e de se ver no outro, faz com que aquilo que se vive no espaço pedagógico não tenha nada a ver com um ou outro. Percebe-se que no ambiente da escola, ao final do dia letivo, tanto professores como alunos saem da instituição escolar mudos, sem ter o que dizer, pois foram expropriados da sua própria vontade por meio de dispositivos que encarceram e hierarquizam o fazer docente e separam os dois sujeitos que fazem parte do mesmo espaço – a sala de aula.

Os professores e a instituição escolar precisam colocar-se na contramão desse processo de confinamento e se empenhar em reconhecer a importância da dimensão ética e do relacionamento solidário e alicerçado na amizade e na construção do ser humano. A ação do educador demanda um cuidado ético, dessa forma impõe-se impregnar a formação do professor de práticas que priorizem a sensibilidade ética, sem a qual não há como esperar uma atuação de qualidade em favor da humanização desejada (SEVERINO, F. E. S., 2011). Também é fundamental perceber “as manifestações emocionais, essencialmente caracterizadas pelas impressões associadas ao bem-estar ou ao mal-estar”, como sensações. E, como tal, que se mobilizam por estímulos específicos cuja captação sensorial representa uma porta de entrada do mundo na consciência (MARTINS; CARVALHO, 2016, p. 707).

O professor como agente de mudanças e promotor do saber pode utilizar de sua atividade docente com a função de afetar, de sensibilizar os envolvidos que estejam dispostos a dar-lhe significado. O significado se efetiva à medida que as pessoas se relacionam, se conhecem e se respeitam, seja pela palavra, seja pela linguagem, por um gesto ou simplesmente por estarem dispostas a buscar a compreensão acerca de si ou do mundo.

Com isso, reafirmamos que a atuação do professor e sua relação envolvem e proporcionam aos alunos uma formação humana que privilegia e possibilita ferramentas

necessárias para o enfrentamento e entendimento da vida em sociedade, “a Educação é uma modalidade de ação intrinsecamente relacionada à existência do outro. E uma prática que, por sua natureza, pressupõe uma intervenção sistemática na condição do outro” (SEVERINO, A. J., 2011, p. 130).

Enfim, não somos apenas um ser que pensa, em que o intelecto torna-se a única instância para se edificar um projeto pedagógico e uma ação educativa. É nesse sentido que podemos pensar em uma ética que leve em conta a relação entre os sujeitos; uma ética que saia do solipsismo que tudo quer abarcar, que tudo quer dominar. E, segundo nosso ponto de vista, a noção de amizade nos fornece essa possibilidade (CARVALHO, 2015, p. 27)

Percebemos na atuação comprometida do professor a maneira pela qual o ensino pode possibilitar uma educação acolhedora e humanizadora. Para tanto, acreditamos que isso acontecerá com a atitude de um professor que se relaciona com seus alunos, de forma a valorizar suas falas, ações, emoções, que potencializa as experiências que podem culminar em novos conhecimentos, que, por meio de uma escuta sensível, está atento para a totalidade do outro, no sentido da alteridade. Alteridade, como questão ética, “em que o outro possa ser reconhecido no seu movimento constitutivo, e dar visibilidade às exigências de um processo formativo que considere a diferença e a singularidade.” (HERMANN, 2014, p. 13)

Para Aristóteles, na sua obra “Ética à Nicomaco”, o professor é um mestre, um amigo a ser imitado. A amizade, entendida como virtude política que vincula relações de solidariedade no âmbito da comunidade. No entender de Hermann (2014, p. 121-122), o professor que está atento ao seu aluno e ao que ele quer dizer, impregna sua atuação no sentido de uma “relação com a alteridade e supere o universalismo que assimila e nivela para criar uma nova sensibilidade”. Do ponto de vista da Ética, o trabalho com a alteridade possibilita reconhecer que existe um outro que me interpela, que me incomoda, que me deixa feliz, “levando em consideração as particularidades dos indivíduos concretos” (HERMANN, 2014, p.123).

É arriscando, criando, desejando, escolhendo e habitando esse mundo que os homens revelam e experimentam a sua singularidade, o que na sala de aula significaria constituir-se como sujeitos que se familiarizam com suas paixões—o outro que habita em nós -, medos, faltas e falhas. Todavia, se o reconhecimento dessas dimensões não ocorre ou elas não são levadas em consideração, a tendência é acarretar violências incontroláveis e conflitos contra os outros, contra a polis, na verdade contra si mesmo (CARVALHO, 2013, p. 194).

Dessa forma, podemos iniciar uma transformação na relação entre os envolvidos no processo pedagógico, superando os conflitos, as barreiras que existem para atuação comprometida do professor, valorizando o outro e seus sentimentos.

Desde o início das nossas vidas, portanto, respiramos alteridade. É a partir do outro que nos tornamos, no início e ao longo de toda a nossa vida, aquilo que somos. Sem *alter* jamais existiria *ego*. Podemos, então, dizer que antiético é tudo o que prejudica este sentido essencial da nossa vida de tornarmo-nos o que somos, isto é, seres humanos sociais. Não é possível que isso ocorra sem a inclusão do outro. Negar o outro ou destruí-lo é o mesmo que negar a si mesmo, enquanto ser humano. Há um condicionamento mútuo entre o *ego* e *alter*. Sem o outro não se constitui a identidade do eu e sem esta identidade o eu não pode abrir-se ao outro. O homem que não for único em sua identidade não pode pluralizar-se, não pode aliar-se aos outros, tronar-se um ser verdadeiramente humano. O homem só pode caminhar em direção ao outro a partir de si mesmo, a partir de sua própria identidade, mas a constituição dessa identidade só se dá a partir da inclusão do outro (GOERGEN, 2011, p. 105).

Somos sujeitos completos, com razão, emoção e paixões, precisamos realizar os projetos pedagógicos para que percebam a subjetividade e a singularidade, a pluralidade, a importância de cada ser no mundo em que vivemos, isso é, que nos faz ter esperança que o trabalho realizado possa modificar as estruturas que até então são inquestionáveis.

Corroborando com Carvalho (2013, p. 193), acreditamos que “se as éticas tradicionais baseavam-se no princípio de que nada existe sem a razão, a ética contemporânea, para bem contribuir com a educação, deve levar em conta as experiências humanas singulares”.

Nesse sentido, é trabalho dos cursos de formação de professores, como também da formação em serviço, possibilitar aos educadores momentos em que possam refletir sobre a sua prática, sobre suas ações, de maneira coletiva, de forma crítica, utilizando da teoria e da ética para fundamentar o caminho da atuação com as crianças.

Considerações Finais

Se a humanidade é algo que tem que começar com a razão, com o sentimento, com relações humanas mais estreitas e mais limpas, com maior conhecimento do outro, eu diria que estamos cada vez mais longe disso. Se não mudarmos o caminho, o homem do futuro poderá estar caminhando em direção a algo que poderíamos chamar de desastre. (SARAMAGO, 2010, p. 149

Como afirmamos neste artigo, o homem é um ser cultural, e, portanto, “essa cultura é fruto do trabalho imemorial do homem na sua relação com a natureza e com seus semelhantes” (GOERGEN, 2011, p. 105). Nesse sentido, segundo Rios (2000), a ética é antes de tudo um acostumar-se com os valores, costumes, tradições e regras construídas coletivamente. Considerando e exercendo a liberdade humana, o homem acostuma-se e qualifica as ações como boas ou más. O ser humano faz escolhas e por meio da reflexão tem suas atitudes na busca de uma vida melhor e de qualidade para si e para os outros.

Dessa forma, percebemos a essencialidade do trabalho educativo do professor e da sua postura com relação à organização do trabalho pedagógico. A percepção do outro para formação do eu não se encontra como valorização do individualismo⁵, e sim como consciência de que como professor é preciso conhecer a realidade, o contexto macro e micro que envolve a instituição escolar e com isso refletir sobre as possibilidades, para com e por meio do trabalho pedagógico tornar os envolvidos no processo educativo pessoas melhores, com uma vida melhor e de qualidade.

A partir do compromisso e da responsabilidade, o professor na organização do seu trabalho, partindo dos princípios que regulam as suas ações, podem almejar um novo sentido para a própria prática, refletindo sobre a importância de entrelaçar as principais dimensões para o agir docente: epistemológica, técnica e política. Essas três dimensões, segundo Severino, A. J. (2011), só serão articuladas por meio da Dimensão Ética. Nessa perspectiva, “o envolvimento pessoal, a sensibilidade ética do educador estão radicalmente vinculados a um compromisso com o destino dos homens” (p. 147).

Reiteramos que toda ação pedagógica, desde sua origem e finalidades, objetivos e metas, possui estreita relação com a Ética, e por isso são processos éticos que ao se realizarem na instituição escolar tem o compromisso de elevar o educando de sua condição de indivíduo, possibilitando um reavaliar de seus valores.

Como início para um novo caminhar na formação de professores temos o esclarecimento, conscientização e mudança de paradigmas que envolvam os projetos de curso. É mister que os cursos de formação de professores atentem para o valor das emoções, das paixões. O trabalho educativo não existe somente com a dimensão epistemológica, não se realiza apenas pela técnica. A ação pedagógica envolve decisões, discernimento, compreensão. É preciso que o indivíduo tome a si próprio, à sua atividade, à sua inserção nas relações sociais, à sociedade na qual ele vive, como objeto de reflexão crítica, como objeto de apropriação crítica e de transformação (DUARTE, 2013, p. 71).

Acreditamos que o diálogo, a presença do professor, a solidariedade, a liberdade, o respeito, a amizade, a cidadania, como valores ou virtudes, mas também como formas de expressar as paixões, podem fazer com que a formação se realize, em uma permanente responsabilidade pelo outro. Um processo de envolvimento em que o educador realmente se

⁵ Como distinção entre individualismo e individualidade recorremos a Goergen (2011). Individualidade é a especificidade, o conjunto de propriedades e características a partir das quais um ser humano se considera personalidade específica e única. O individualismo, ao contrário, é aquela orientação do pensar, sentir e querer que julga o indivíduo um fim em si e vê na felicidade individual e no desenvolvimento da personalidade o sentido mais elevado da aspiração humana, colocando a seu serviço a sociedade (os outros) e o Estado.

comprometa com o sujeito que precisa dele para se constituir como ser humano autônomo e consciente de seu valor na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. “Ética a Nicômaco”. São Paulo: Nova Cultural, 1987. v. II. (Coleção os Pensadores)
- BOTO, C. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. **Educação & Sociedade**, ano XXII, n. 76, out. 2001.
- BOTO, C. A Ética de Aristóteles e a Educação. *In*: SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E EDUCAÇÃO, 1., 2002, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FEUSP, 22 a 26 de abril de 2002.
- CARVALHO, A. B. **A sala de aula e a relação professor-aluno**: paixão, ética e amizade na prática pedagógica. 2013. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.
- CARVALHO, A. B. A relação professor-aluno e a amizade na sala de aula: por uma outra formação humana na escola. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 169, p. 23-33, jun. 2015.
- CARVALHO, A. B. **A relação professor e aluno**: paixão, ética e amizade na sala de aula. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.
- CARVALHO, A. B.; COLOMBANI, F. Filosofia e educação: amizade na sala de aula. Unesp. Pró-reitoria de Graduação (org.). **Caderno de formação**: formação de professores: educação, cultura e desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. v. 2, p. 60-73.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- DUARTE, NEWTON. A pedagogia histórico-crítica e a formação da individualidade para si. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 59-72, dez. 2013.
- GOERGEN, P. Educação para a responsabilidade social: pontos de partida para uma nova ética. *In*: SEVERINO, A. J.; SEVERINO, F. E. S. **Ética e formação de professores**: política e responsabilidade e autoridade em questão. São Paulo: Cortez, 2011. p. 93-129.
- HERMANN, N. **Ética & educação**: outra sensibilidade. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação)
- MARTINS, L. M.; CARVALHO, B. A Atividade Humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 2, n. 4, p. 699-710, out./dez. 2016.
- MASSI, C. D. B.; GIACÓIA Jr, O. Ética e Educação. *In*: SERBINO, R. V. *et.al.* **Formação de Professores**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p. 351-357.

OLIVEIRA, B. A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa. *In*: OLIVEIRA, B. (org.). **A socialização do saber escolar**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1985. p. 91-104.

PAGNI, P. A; GELAMO, R. P. (org.). **Experiência, Educação e Contemporaneidade**. Marília, SP. Poiesis Editora, 2007.

RAMOS, C. A. Ética e Política em Aristóteles. *In*: CANDIOTTO, Cesar. **Ética: abordagens e perspectivas**. 2. ed. Curitiba: Editora Champagnat, 2011. p. 29-49.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SARAMAGO, J. **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. Seleção e organização de Fernando Gómez Aguilera. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da Educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015.

SAVIANI, Dermeval. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. *In*: **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, ano 3, n. 4, p. 54-84, 2016.

SEVERINO, A. J. Desafios da formação humana no Mundo Contemporâneo. **Revista de Educação**, Campinas, n. 29, p. 153-164, jul./dez. 2010.

SEVERINO, A. J. Formação e Atuação dos professores: dos seus fundamentos éticos. *In*: SEVERINO, A. J.; SEVERINO, F. E. S. **Ética e formação de professores**: política e responsabilidade e autoridade em questão. São Paulo: Cortez, 2011. p. 78-92.

SEVERINO, F. E. S. Ética e responsabilidade social no ensino superior. *In*: SEVERINO, A. J.; SEVERINO, F. E. S. **Ética e formação de professores**: política e responsabilidade e autoridade em questão. São Paulo: Cortez, 2011. p. 78-92.

Como referenciar este artigo

LEITE, S. R. M.; TRISLTZ, R. G.; CARVALHO, A. B. Educação e ética: O valor da presencialidade e da alteridade na formação e atuação do professor. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp. 1, p. 0688-0702, mar. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.1.16317>

Submissão: 24/11/2021

Revisões requeridas: 19/02/2022

Aprovado em: 28/02/2022

Publicado em: 01/03/2022